

TRÊS POR QUATRO

Jornal-Laboratório Comunicação UFRGS dezembro de 1985

Edição Especial

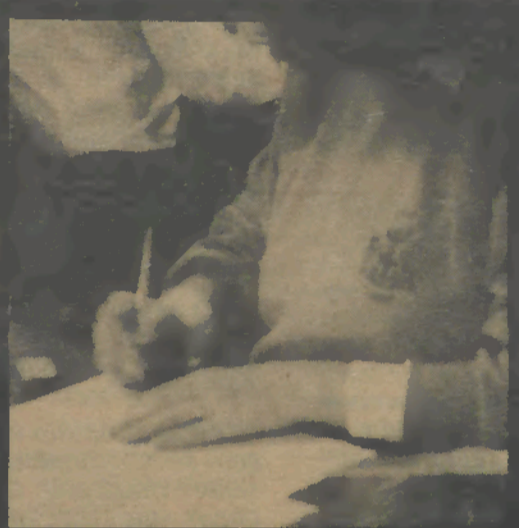
O jornalismo
passado a limpo



Fotografia



Diagramação



Redação



Rádio

Televisão

A SUPER- SAFRA

Página 12

Mudar para ser real

Neste fim de ano, quando as "mudanças políticas" se acentuam, quando as opiniões e ideologias populares se concretizam, torna-se imprescindível que a universidade, em seu todo, seja repensada.

A vida política do país está transfigurada e reflete a estrutura e consciência do povo. Parece que as pessoas não sabem manusear a democracia e aparece a carência de educação ontem e sempre. Neste sentido, a universidade significa um elemento fundamental para a formação e transformação da sociedade.

Mas não adiantam mudanças isoladas, não resolve que apenas uma unidade se reestruture, assim como um partido não pode se resumir a um candidato, é necessário que exista uma ideologia maior, uma coesão de idéias e objetivos comuns.

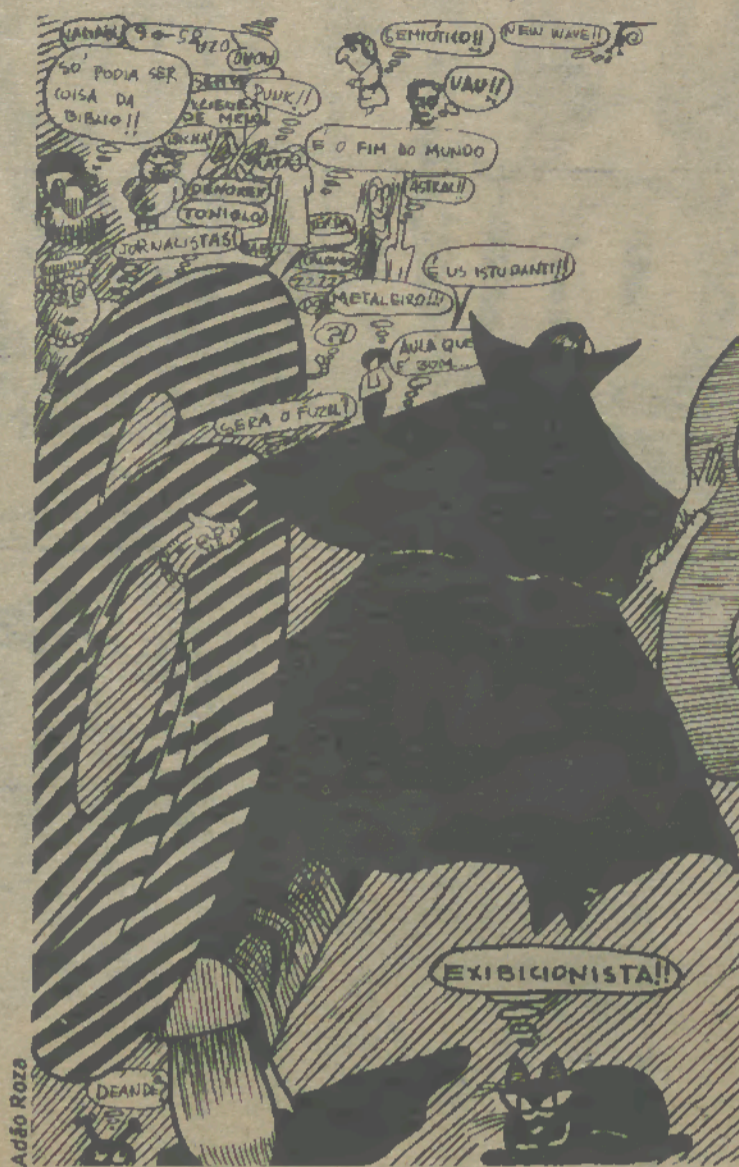
Um exemplo desta relação "UNIVERSIDADE — PARTICIPAÇÃO POLÍTICA" é o resultado da eleição para prefeito em São Paulo. O maior centro cultural do país revela um antagonismo sem precedentes, uma regressão política que demonstra claramente o nível de entendimento, por grande parte da população, da realidade histórica e da atual conjuntura.

Outro exemplo desta relação, mas positivo, é Porto Alegre que, de forma consistente, contribuiu para a afirmação do Partido dos

Trabalhadores. Ao que parece, muitas pessoas desacreditaram as figuras símbolos dos demais partidos e preferiram a ideologia partidária, a opção pelo conjunto de idéias com que o partido conta. As análises veiculadas hoje dizem que o número de votos que este partido acumulou significa a falta de opção, significa que o povo cansou dos vinte anos de PDS e já se desiludiu com a Nova República do PMDB, mas também pode significar o reforço de uma nova postura, a evolução de um real partido, sem centralização de personalidades que se mistificam.

Estes exemplos estão diretamente relacionados com a "prática cultural" e nisto se insere a universidade. A reestruturação de apenas uma parcela deste organismo, assim como o volume de votos do PT em P. Alegre, não apresentará resultados significativos a curto prazo. A universidade precisa de uma remodelação mais abrangente, de uma maior aproximação da realidade, tornando-se mais equilibrada, mais democrática e mais consciente de seu papel.

Que no próximo ano as engrenagens se lubrifiquem, que a universidade realmente comece a questionar sua atuação e que o meio político, onde está inserida, amadureça, seja mais coerente, mais digno e menos corrupto.



Enfim, a despedida Rebarbas

Fechamos o semestre com quatro edições, um recorde memorável para a história deste jornal. Aliás, em toda a história da Fabico — e lá se vão muitos anos! — não se tem conhecimento de que as turmas do último semestre do curso tenham conseguido publicar quatro 3 x 4. Os louros devem-se à capacidade e disposição dos alunos e professores, mas, muito mais pela verba disponível para que os jornais pudessem ser impressos em uma gráfica distante do prédio da faculdade.

O 3 X 4 se despede de seus leitores assíduos por este ano, já que a Fabico entra em recesso e a redação do jornal prepara-se para tomar parte da grande notícia dos últimos quatro anos de sua vida: a colação de grau. E colocando em prova a lealdade dos leitores, a super-safra resolveu convidar todos para o acontecimento que a irá lançar, finalmente, ao campo da profissionalização oficial. Formatura é algo inesquecível, caros leitores. Como o nascimento e a morte, acontece uma vez na vida (se bem que existem pessoas da redação que estão querendo ridicularizar esta autêntica frase).

O tamanho do convite de formatura impresso na última página comprova a megalomania do pessoal da redação — e a sua determinação para com o pacto social de conter despesas. Ora, uma idéia original (além de tudo somos egocêntricos) que oferece chances aos nossos futuros empregadores de contratarem a melhor turma de comunicação das últimas décadas. Brincadeira à parte, esta edição conta com uma matéria (página central) com depoimentos da turma referente à sua biografia acadêmica.

Um quadro desolador, como diriam os mais trágicos, onde os formandos justificam sua boa vontade em conceder divórcio à Fabico. Apesar da concordância de ambas as partes, sentiremos saudades, nostalgia, qualquer palavra que entregue ao passado um bom tempo de vida.

■ Chegou ao nosso conhecimento a irada reação da nova diretoria do Dabico contra uma rebarba que informava que na chapa eleita não havia um só aluno da Biblioteconomia (edição de novembro). Infelizmente, para a própria Faculdade, esta coluna estava certa — como é de praxe. A diretoria, em seu "manifesto", limita-se a acenar com vagas promessas de abertura. O fato é que na nominata oficial apresentada só constavam alunos da Comunicação, numa discriminação inexplicável.

■ Começa a crise no Três por Quatro. As laudas acabaram, as máquinas estão estragadas e esta edição sofreu a ameaça de ser rodada na Gráfica da Universidade por falta de verba. Se não houver uma solução urgente, mais um título tradicional da imprensa brasileira poderá fechar suas portas num futuro próximo. Por isto, estamos lançando a campanha "Três por Quatro Forever". Adesivos a venda com os editores desta coluna.

■ No mês passado, por ocasião do Dia da Bandeira, novamente o Pavilhão

Nacional foi hasteado na frente da Faculdade. Até aí, tudo bem; o problema é que a bandeira utilizada pela Fabico não obedece aos padrões impostos pela Constituição, que determina que a altura deve variar entre 1/7 e 1/5 do mastro. A bandeira hasteada na Fabico, talvez por excesso de patriotismo, é enorme e ocupa praticamente a metade do mastro. Fica como solução o aumento do mastro, e como sugestão que os responsáveis pelo erro sejam punidos e matriculados nas cadeiras de EPB.

■ Interessante a situação dos alunos da disciplina ECO 124 — Mercadologia. Durante quase todo o semestre eles tiveram suas aulas ministradas por um "assessor" do professor titular. Este pseudoprofessor, porém, não ostenta sequer a condição de monitor da cadeira. Ao que consta, já foram pedidas explicações ao departamento do qual provém a disciplina, o que não surtiu efeito. Este seria o primeiro caso de um ODNI — Objeto Docente Não-Identificado — e só poderia acontecer na Fabico.

■ Na Assembleia Geral, convocada para escolher os representantes da Biblioteconomia no Diretório Acadêmico, compareceram apenas quatro estudantes. Bem que nós avisamos.

■ Oportunidade única! O Wallace está pedindo redatores para uma cobertura fotográfica do Carnaval de rua de Porto Alegre. A cobertura não será remunerada, não vale nota nem abono de presença em qualquer cadeira. Mas isto não é nada perto da emoção, alegria que este trabalho "momescos" certamente lhe renderá. Passe seu carnaval na FABICO! Entre no "bloco do laboratório" e viva alguns dos dias mais excitantes da sua vida. Aliás, a cobertura da festa não pode terminar mais tarde que as aulas de fotografia.

■ Chegando ao final do ano, e por que não dizer, do curso, os "rebarbeiros" finalmente tiveram coragem de se identificar. Qualquer reclamação façam com o Gustavo e o Zé. P.S.: Não aceitamos desafios para duelos nem para "ir brigar lá fora".

TRES QUATRO

Jornal-Laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quarta edição do segundo semestre de 1985, elaborada pelas turmas das disciplinas de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico e Projeto Experimental 5, sob a coordenação dos professores Aníbal Bendati, Pedro Maciel e Sérgio Caparelli.

Participam desta edição: Airtton Seligman, Alvaro Augusto de F. Almeida, Ana Cláudia Fossi

Casimiro: Anália Maria Alves Barth, Angelo Mendes, Ánia Chala, Cari Regina Lemos Rodrigues, Carla Maria Zen, Carmen Lucia Ferreira da Silva, Célia Regina Canani, Cláudia Turela, Dagoberto José Bordin, Geni Dorneles Valenti, Gustavo Krieger Barreiro, José Alberto Santos de Andrade, José Antônio Souza Pinto Netto, Karla Camargo da Silva, Luis Carlos Carpim, Marcia de Wallau, Marta Gleich (textos); Anália Maria Alves Barth, Abnel de Sousa L. Filho, Ánia Chala, Alvaro Augusto de F. Almeida e José Alberto Santos de Andrade (conselho editorial);

Abnel de Sousa L. Filho, Airtton Seligman, Alvaro Augusto de F. Almeida e Karla Camargo da Silva (diagramação); Ana Luiza Freitas, João Otávio Ness e Wallace Lehneman (fotografias); Adão Roza (ilustrações), correspondente em Florianópolis Liège Copstein.

Chefe de Departamento de Comunicação: Vera Ferreira.

Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lourdes Gregol Fagundes da Silva.

Rua Jacinto Gomes, 540 — Porto Alegre — RS.

Impresso na Zero Hora Editora Jornalística S. A.

Novo Currículo exige mudanças

Curso de Comunicação depende do atendimento de suas reivindicações pela administração central da UFRGS.

O Currículo Mínimo do Curso de Comunicação Social, aprovado em seis de outubro de 1983, exige, entre outras coisas, que na parte referente a Habilitação em Jornalismo a escola edite, pelo menos, um jornal-laboratório por mês de aula e que tenha um estúdio de rádio e um de televisão devidamente equipados. O Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul somente agora, após 33 anos de existência, conseguiu cumprir duas destas exigências.

Entretanto, além do estúdio



Vera Ferreira

de rádio, ainda falta muito para dotar o curso de todas as exigências fixadas pelo Currículo Mínimo. A relação do material permanente e equipamentos, para atendimento das necessidades imediatas de implantação do Novo Currículo, é enorme se comparada com a do material e equipamentos já existentes.

O Departamento de Comunicação, com o auxílio dos professores e da Comissão de Carreira, elaborou um projeto de necessidades de equipamentos, com os custos estipulados em dólares e ORTN's para facilitar a atualização dos preços, e o encaminhou à administração central. "Além disso", diz a professora Vera Ferreira, chefe do Departamento, "quando da visita do Pró-Reitor de Graduação, professor Cybis, mostramos a ele todas as nossas necessidades e que os equipamentos, além de serem uma exigência do Currículo Mínimo do Ministério da Educação, são essenciais para o funcionamento de um curso sério e responsável".

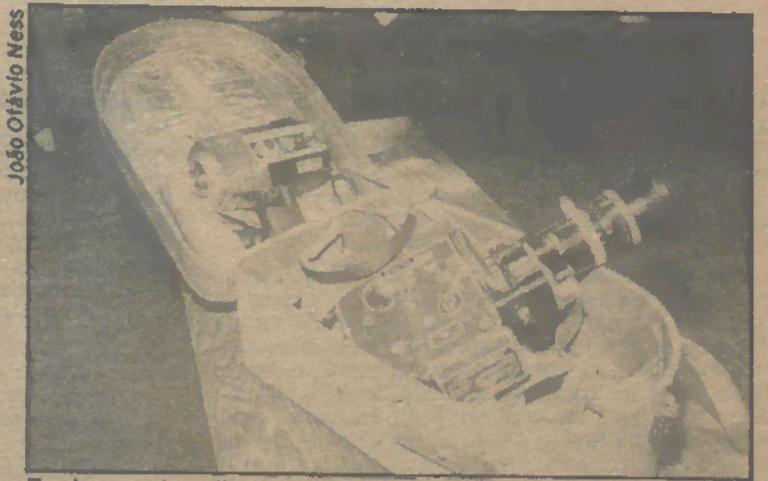
Mudanças

Durante muito tempo, em to-

da a instituição governamental, houve um regime de contenção para as despesas de capital, ou seja, para a compra de equipamentos. De acordo com a professora Vera, as verbas eram dadas só para despesas com material como papel, canetas, enfim, para não matar os cursos e fazer com que funcionassem, mesmo que precariamente. Agora, há uma mudança na política orçamentária da União e, depois de muitos anos de contenção, a Universidade brasileira está sendo, novamente, dotada de verbas.

"Para nós", afirma a chefe do Departamento, "essa mudança na filosofia do Governo Federal está sendo muito boa pois coincide com a implantação do Novo Currículo que está calcado no Currículo Mínimo elaborado pelo MEC. E, esse documento do Ministério determina que os cursos de Comunicação, para funcionar, devem possuir determinados equipamentos senão fecham".

Assim, o atendimento das reivindicações do Curso de Comunicação Social por parte da administração central da UFRGS, é uma questão importante pois disso depende, até, sua própria sobrevivência. E este, sem dúvida, não deixa de ser um argumento muito bom, principalmente para um curso que teve o projeto de seu Novo Currículo apontado como modelo ideal no Brasil, pela Associação Brasileira de Escolas de Comunicação.



Equipamento velho deve ser substituído

Projeto especial para Comunicação

A Pró-Reitoria de Graduação — PROGRAD — designou a professora Ana Maria Della Zen para assessorar os estudos da implantação do Novo Currículo dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFRGS. Esse projeto faz parte de um programa da PROGRAD — os chamados Projetos Especiais na área da graduação — e juntamente com outros quatro, ligados à área da Informática, será levado diretamente ao Ministério da Educação.

"A vantagem de ser um Projeto Especial", diz o professor Ricardo Schneiders, "está no

fato de que os recursos são obtidos da União e fora, portanto, do orçamento da UFRGS que muitas vezes estoura sem suprir as necessidades dos cursos".

O cronograma do Projeto Especial de implantação do curso de Comunicação deverá estar pronto até o dia dez de dezembro, e nele terão de ser especificados as necessidades de espaço físico, equipamentos e professores a cada semestre até 1988, quando o Novo Currículo deverá estar totalmente implantado.

Márcia de Wallau

Faltam cursos de pós-graduação

A área de Comunicação Social caracteriza-se pela escassez de cursos de pós-graduação em todo o País. No Rio Grande do Sul, apenas a PUC de Porto Alegre oferece três cursos a nível de especialização nesta área. A solução para quem pretende cursos de mestrado ou doutorado é partir para áreas afins ou buscar as universidades do centro do Brasil.

A UFRGS e a PUC oferecem seis cursos de mestrado para graduados em qualquer área, inclusive Comunicação. Os cursos são Antropologia, Educação, Filosofia, Letras, Agronomia e Administração, todos ligados a ciências humanas. Estão sendo desenvolvidos também, em caráter experimental, os mestrados em Direito e História. Dos sete doutorados oferecidos pela UFRGS, apenas o de Educação admite graduados da Comunicação.

No País, são encontrados pós-graduações especificamente ligados à Comunicação. Na USP — Escola de Comunicações e Artes — e na Escola

de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro são oferecidos cursos de mestrado e doutorado. A PUC de São Paulo, a Universidade Metodista de Piracicaba, a Metodista de São Bernardo do Campo, a Universidade Federal de Minas Gerais e a UnB têm cursos todos a nível de mestrado.

PRÉ-REQUISITOS

Ricardo Padão, funcionário da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFRGS — Propesp — explica que existem determinadas exigências para a admissão do aluno em cursos de áreas afins: "Ele tem que passar por uma entrevista, onde será analisado seu histórico escolar e onde vai ter que justificar por que escolheu tal curso".

Além disso, todo pós exige o domínio de pelo menos uma língua estrangeira — geralmente o inglês — e dedicação exclusiva, ou seja, horário integral para cumprir de 30 a 35 créditos, em dois anos — mestrado, ou em quatro — doutorado.

Quanto à questão financeira, Ricardo salienta que todo curso de especialização é pago, seja nas federais ou particulares no Brasil ou Exterior. Contudo, qualquer aluno, no momento de inscrição, pode requerer bolsa de estudo, que será ou não concedida de acordo com os critérios das instituições pleiteadas.

São dois os órgãos governamentais brasileiros responsáveis pela de bolsas de estudo: a CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior — e o CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Esses organismos repassam quotas de bolsas a cursos e a instituições, estabelecendo os programas, sua respectiva administração e avaliação. "Até pouco tempo atrás a UFRGS intermediava com a CAPES e o CNPq. Mas como o Conselho abriu um escritório aqui em Porto Alegre, hoje nós só trabalhamos com a CAPES", conta Ricardo.

A viabilização dos pedidos de bolsas é feita pela PROPESP, que coordena a execução dos programas e providencia o pagamento dos bolsistas. No caso de profissionais que pretendam obter bolsa, é só encaminhar a documentação para a PROPESP, que a envia a Brasília, onde é feita a seleção do candidato. Na CAPES, as inscrições são realizadas de setembro a novembro, a seleção ocorre em dezembro e a bolsa sai a partir de agosto do ano seguinte. Já no CNPq, as inscrições são feitas em janeiro e o resultado sai em setembro. Além dos órgãos governamentais, existem as instituições particulares que proporcionam

bolsas, como a FINEP, EMBRAPA e outras.

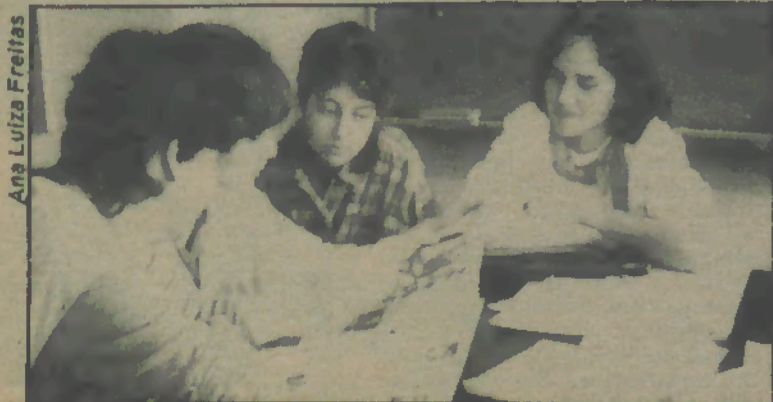
EXTERIOR

São concedidas, também, pelo CNPq e pela CAPES, bolsas para o Exterior, nos níveis de especialização, mestrado, doutorado, e pós-doutorado, sendo sempre privilegiados os últimos dois casos. Quanto a mestrado e especialização somente são concedidos nos casos em que, comprovadamente, não exista formação similar no País.

Ao contrário do que a grande maioria dos candidatos imagina, explica Ricardo Padão, quem escolhe o país e mantém contato com a instituição estrangeira é o próprio interessado. "O candidato deve escrever se apresentando para diversas universidades, pedindo informações: preço, época, disciplinas. A CAPES e o CNPq não conseguem a universidade. O candidato tem que ser aceito pela instituição para depois requisitar a bolsa", ressalta o funcionário da PROPESP. Um pré-requisito para que a bolsa seja concedida, nesses casos, é o domínio do idioma. A CAPES manda testes padronizados para a Aliança Francesa e para os vários institutos culturais, para que os candidatos mostrem pelo menos o domínio da língua do país escolhido.

As bolsas obtidas através do CNPq e da CAPES são pagas pelo governo brasileiro, o que não impede que o aluno requisite bolsa para a própria universidade do Exterior, através de intercâmbio internacional e dos consulados.

Cláudia Turela



Alunos discutem possibilidades de pós-graduação.

Horistas querem regularização

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS tem funcionado na base do remendo. Só que nem sempre os alunos são os maiores prejudicados. Como no caso dos professores horistas, profissionais mal remunerados e com situação instável, que surgem para atender à necessidade que o quadro de docentes não supre por falta de concursos.

A diferença que existe entre um professor horista e um efetivo é que o primeiro recebe pelo número de aulas que dá e não tem progressão funcional. Já o que faz parte do quadro é contratado por um número estipulado de horas e percebe sobre este total, independente de as ter cumprido em sala de aula, ou não. Além disso, ele pode ascender até três níveis: assistente, adjunto e titular. Assim, explica Kleber Ferrel, professor da cadeira de Televisão do Curso de Comunicação, o horista precisa dispor do seu tempo livre para preparação de aulas e correção de provas, enquanto os professores dos outros níveis, com regime de 20 ou 40 horas, dão um número de aulas bem menor e dedicam o restante do tempo às atividades da Universidade.

Participação

Além disso, segundo Martha Kling Bonotto, professora do 4º e 5º semestres do Curso de Biblioteconomia, existe uma injustiça quanto à remuneração, pois o horista ganha menos, cumprindo o mesmo número de horas que os professores dos demais níveis.

Desta forma, a tendência que existe é a dos professores horistas aceitarem o maior número possível de disciplinas, ficando com uma sobrecarga de trabalho, complementa Wallace Lehnemann, professor efetivo de Fotografia da Comunicação.

Martha ainda salienta que os professores do quadro, em geral, têm mais liberdade de escolher as disciplinas que querem lecionar. "Para o horista sobra aquilo que os outros não querem, ou, onde falta professor, o horista entra".

E as discrepâncias não terminam aí. Nas reuniões de departamento ou de atividades dentro da Universidade, o horista é convidado a participar e até tem direito a voz, mas não pode decidir, pois não vota. Isso também ocorre na escolha dos integrantes do cole-

giado. Somente em assuntos diretamente relacionados com a cadeira que leciona ele tem poder de decisão. "Isso", na opinião de Kleber, "em termos de trabalho e de desempenho dentro da Faculdade e da Universidade, fica em desacordo com o restante. O horista tem a mesma capacidade, o mesmo desenvolvimento que os outros, inclusive com uma sobrecarga maior de trabalho. E já houve época em que a Faculdade tinha maior número de horistas do que de professores concursados; isso não é um fenômeno que está acontecendo agora".

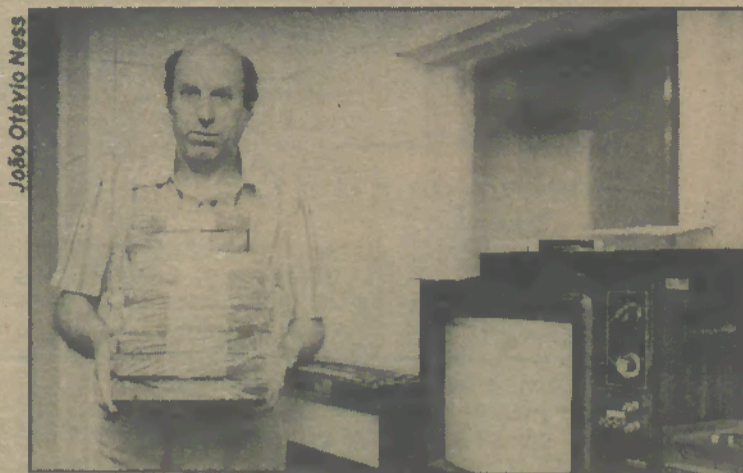
Quebra-galho

Em termos monetários, a partir deste semestre, houve uma melhora. Depois de muito empenho junto ao Departamento, à direção da Faculdade e à Reitoria, o horista conseguiu um aumento percentual sobre o salário, mas que não chega a ser exatamente o que receberia se estivesse com a sua situação regularizada dentro da faculdade. Mas isso só vai acontecer quando for realizado o concurso para professor auxiliar em que Martha, Kleber e mais 60 candidatos estão inscritos desde 1983.

Existe uma necessidade muito grande de professores, mas, segundo Wallace, os concursos estão trancados por falta de verbas e disponibilidade de pessoas para os organizar. Com isso, a Universidade se vê obrigada a usar este recurso que não é o normal: admitir professores para trabalhar em situação instável e de insegurança, pois o horista não é regulamentado. É uma condição paralela ao quadro de professores.

E este é o maior problema na opinião de Kleber: "Na realidade o horista é uma atividade quebra-galho. A qualquer momento pode haver rescisão de contrato. Assim como ele está, ele poderá não estar. Eu vejo muito mais este lado do que propriamente o lado da remuneração. Ele é professor, aqui, mas na verdade, não é, porque está numa situação para ser regularizada, ou não. Se a Universidade achar que para determinada cadeira não há mais necessidade de professor horista, há quebra de contrato e pronto".

Célia Canani



Kleber: horista é atividade quebra-galho

Novos jornalistas enfrentam burocracia

Centenas de formandos saem anualmente das universidades gaúchas com um canudo embaixo do braço e pouca orientação sobre a realidade do mercado de trabalho. Começa então o período da burocracia de regularização do diploma junto ao sindicato de classe e a Delegacia Regional do Trabalho. Para os formandos de jornalismo da UFRGS, essa etapa começará no dia 20 de dezembro, quando todos receberão, às 20h, no prédio da Economia (devido à falta de espaço na Fabico), o canudo da formatura. Depois, é partir para a filiação no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, através do qual se consegue o registro da profissão em carteira.

SINDICALIZAÇÃO

Para executar o processo de sindicalização, o formando deve se dirigir ao Sindicato de posse do certificado de conclusão do curso e duas fotos três por quatro. Dois dias após, já recebe a sua carteira de sindicalizado, pagando pela sua confecção apenas Cr\$ 5.000. O associado passa a ter direito de assistência médica e odontológica, mediante o pagamento da mensalidade de Cr\$ 11.000. O Sindicato oferece também assistência trabalhista através de advogados conveniados e realiza reuniões de classe todas as segundas e quintas-feiras, às 21h.

Remi Baldasso, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, garante que quase uma centena de profissionais ingressam anualmente no Sindicato com o pedido de registro. Isso apenas falando daqueles que saem direto das faculdades, sem contar os que entram com processo para conseguir o registro por tempo de serviço. Esse registro, no entanto, só é concedido para aqueles profissionais que trabalham na área desde antes de 13 de março de 1979, quando foi aprovada lei nesse sentido. Depois dessa data o Sindicato passou a filiar somente profissionais diplomados.

Ainda segundo a Lei dos Jornalistas Profissionais, existem alguns profissionais que podem ser sindicalizados sem possuir diploma, desde que em atividade na área e com carteira assinada. Esses profissionais são: repórter cinematográfico, fotográfico, ilustrador e diagramador. Já existe, no entanto, um projeto de lei do jornalista Rui Carlos Ostermann criando o cargo de diagramador nas repartições estatais, cargo que só poderá ser ocupado por profissionais em atividades ou diplomados em jornalismo. O projeto conta com a simpatia do presidente do

Sindicato, Remi Baldasso, mas ainda não foi definitivamente aprovado e sancionado.

SOLUÇÕES

Remi Baldasso tem se empenhado em resolver o problema dos profissionais que já estavam em atividades antes de 1979, pois estes embora não tenham direitos assegurados por nenhuma lei específica, na verdade têm direitos trabalhistas adquiridos. "Seria uma injustiça afastar profissionais que estão há tanto tempo em atividade, numa profissão que sempre foi marcada por constantes irregularidades, até mesmo com a complacência de patrões inescrupulosos". Resolver esse problema, segundo ele, seria de extrema importância para os que estão ingressando, pois daria maior unidade classe dos jornalistas.

Outra realização que veio em benefício da classe foi a extinção do cargo de estagiário dentro das empresas de comunicação, pois esses além de aviltarem o mercado, acabavam tirando a vaga de profissionais formados: "Os estagiários executavam funções de um profissional qualificado em troca de uma remuneração apenas simbólica".

Embora todas as dificuldades do mercado de trabalho dos jornalistas, Remi Baldasso afirma que cabe aos novos profissionais conduzir e encaminhar os rumos da profissão, participando ativamente das reuniões de classe e propondo alternativas. Conclui dizendo que o Sindicato deve ser o palco de luta para todos aqueles profissionais que pretendem defender os interesses da profissão escolhida.

Angelo Mendes



Remi quer unir classe

Jornal especializado amplia mercado

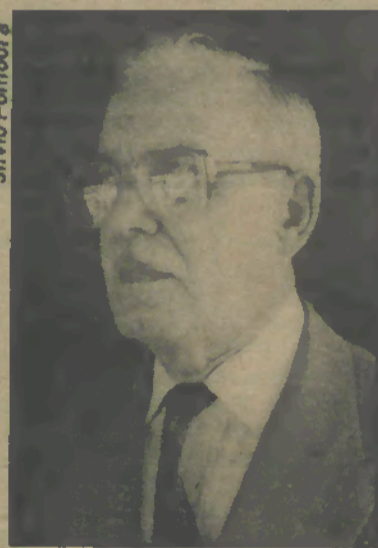
Uma alternativa para formados em Jornalismo aqui em Porto Alegre: a criação de grupos de jornalistas que se especializam em determinadas áreas, fazendo o que se chama de jornalismo especializado.

Em alguns países, o jornalismo é um curso de pós-graduação para quem quer escrever sobre seu métier, sobre seu hobby. Porque na verdade o problema reside na necessidade de uma especificação da linguagem: além de se exigir do jornalista uma cultura geral considerável, é necessário um cabedal de informações específicas sobre determinados assuntos.

Esses grupos de jornalistas funcionam como agências de notícias, só que fazendo um trabalho de pesquisa sob encomenda. Tão importante quanto manipular uma determinada linguagem é possuir uma vasta rede de contatos nas mais diversas áreas. Essa minigência deve procurar vender a notícia. Com o tempo, passa a ser procurada para realizar trabalhos para jornais ou revistas especializadas.

"O jornalista especializado é marginalizado dentro do jornal porque os outros jornalistas consideram-no pretensioso. Ele perde aquele convívio, aquele afã do jornalismo diário", alerta o prof. Fernando Guerreiro, da disciplina de Jornalismo Gráfico Especializado, da Ufrgs.

Segundo ele, qualquer área é propícia à especialização. E nem



Fernando Guerreiro

acha indispensável a graduação noutro curso superior; aconselhável, só. Guerreiro acha que Sociologia, História, Política são áreas que fornecem base que localiza o assunto em pauta e favorece uma análise mais aprofundada do fato social. Outra sugestão é que se cursarem disciplinas em curso dois para se ter uma idéia geral do vocabulário específico, e para que o profissional tenha ao menos condições de fazer perguntas que procedam.

"Inclusive essa mudança do currículo vai favorecer um maior conhecimento de outras áreas. O estudante pode começar a definir suas áreas de interesse", salienta o professor.

DINAMISMO

No jornalismo especializado tem que haver um dinamismo muito grande, ocorrem evoluções a cada dia e o profissional deve acompanhar os conflitos pertinentes a seu ramo de atividades.

O problema da adequação da linguagem técnica não se dá se o jornalista for contratado por uma revista especializada. Se escrever para jornais é importante que transforme os termos técnicos em linguagem popular, explicando-os como se fosse para os leigos.

Um dos problemas mais comumente enfrentados é o da fonte: geralmente os cientistas, os artistas, os especialistas temem dar entrevistas porque suas informações muitas vezes são mal compreendidas pelos repórteres, ou mal escritas, ou vulgarizadas (pelo processo de adaptação da linguagem) de maneira deturpada, às vezes conscientemente. Isso compromete o entrevistado. Portanto, as matérias essencialmente técnicas deveriam voltar para o especialista para uma revisão. Só aí publicadas.

Em revistas especializadas, o jornalista tem mais tempo para elaborar as matérias. As pautas são definidas com muita antecedência.

Ao invés de querer saber tudo sobre todos os assuntos, é melhor a canalização de energia para um determinado ramo de interesse.

Dagoberto Bordin

Jornalistas gaúchos migram em grande número para o estado vizinho de Santa Catarina, atraídos por um mercado em expansão.

Florianópolis, uma nova opção

Os naufrágios jornalísticos do Rio Grande do Sul estão deixando seus destroços nas praias de Santa Catarina. É impressionante o número de profissionais da área que, embora um pouco nostálgicos, trocam o chamarão pelo caldo de cana e vêm cantar nesta freguesia, tocados pelos maus ventos de crises como a da Caldas Júnior. A explicação, como sempre, está numa "conjunção de fatores". A vizinha Florianópolis oferece um mercado que, para os sofridos jornalistas gaúchos, está próximo do paraíso. Não que sobrem empregos, mas quem tem algum potencial é aproveitado.

PRODUÇÃO LOCAL

As quatro tevês (RBS, Barriga Verde, Cultura e Planalto) apresentam uma tímida mas constante produção local, composta basicamente de reportagem. Os jornais "O Estado", de Florianópolis, e "Jornal de Santa Catarina", de Blumenau, estão prestes a ganhar um novo e ameaçador irmãozinho: "Diário Catarinense", da RBS. Assessorias de imprensa são ponto pacífico na carreira de qualquer um, ainda que as recentes ondas moralistas que abominam o acúmulo da função de assessor e repórter também batam neste litoral. Mas se vocês estão pensando em ir correndo pra casa fazer as malas, calma aí. Nem tudo são flores. Um redator de rádio ganha a indecente quantia de 400 mil cruzeiros por mês, só pode ser porque o veículo exige frases curtas. O sindicato é muito recente e inexpressivo, coisa que se ao mesmo tempo favorece os formandos, a maioria já empregada, deixa a categoria na insegurança, à mercê da exploração. E aqui se trabalha duro! É semana de seis dias mais alguns eventuais plantões noturnos, não remunerados. E folga é o dia que dá, pode cair no domingo ou na terça.

MERCADO INFLACIONADO

É raro o caso de gente como a repórter Ludmila Dillenburg, que optou por Santa Catarina movida apenas por simpatia. O comum são casos como o de Margareth Lourenço, formada em 84 pela PUC. Depois de se deba-

ter algum tempo nos turbilhões do mercado de trabalho gaúcho, onde chegou a fazer trabalhos free-lancer para o Ano Econômico, ela resolveu tentar a sorte aqui na Ilha. Logo de cara foi admitida como repórter do "Estado", pegando uma fase conturbada de reformulação dos quadros do jornal, que botou muita gente na rua. Já o seu namorado, o colunista Alfredo Roberto Bessow, está aqui já há dois anos. Ele foi um dos demitidos pelo "Estado", onde escreve até hoje 3 colunas semanais, como free-lancer. "Não podemos nos queixar", ressalta Margareth, "o Alfredo está até escolhendo trabalho".

A vinda para Florianópolis foi uma mudança radical para o ex-bancário Ubirajara Barbosa Alves, o Bira, formado pela PUC e atual repórter do "Estado". Ele deixou um emprego de 6 anos no Banco Real, em Porto Alegre, para tentar a sorte por aqui, "e até agora não me arrependi". É verdade que ele teve de baixar um pouco o padrão de vida, pois um bancário comissionado ganha bem mais que um repórter iniciante. "De vez em quando bate uma nostalgia e eu corro pra Porto Alegre", conta Bira. A confissão acontece sob o olhar condescendente de Flávio Sturdze, editor do "Estado", e sua mulher Doroti, repórter e assessora de imprensa da secretaria da Saúde. Eles vieram de Porto Alegre há 13 anos, impelidos pela busca de melhores salários. E olha que era no tempo da Caldas Júnior, quando havia concorrência entre os grupos jornalísticos.

Mas um exemplo de gaúcho aculturado é Fernando Saes, redator da EBN. Ele acaba de se demitir de seu cargo de pauta do "Estado" para se dedicar exclusivamente ao seu bar, na Prainha, "onde a água é tão limpa que dá pra enxergar a África refletida no fundo".

PRECONCEITO LOCAL

Só o que eu não entendi ainda é por que que esses catarinistas não pegam toda essa guascada solta aqui, não botam tudo numa carreta, escoltam até a ponte Hercílio Luz e não correm tu-

do a relhaço de volta pros pampas. Acontece que por aqui campeia um preconceito segundo o qual os profissionais da terra não prestam. É por isso que o único jornal grande da Ilha, o "Estado", tem um editor-chefe carioca, vários editores gaúchos e paranaenses e bandos de repórteres das mais diversas procedências, desde paraibano até um sulco de um metro e noventa chamado René. O curso de jornalismo da UFSC não goza de boa fama, e isso é injusto, pois se é verda-

de que ainda não produziu nenhum Antônio Britto para a posteridade, também ninguém pode acusá-lo de seguir a escola do Mendes Ribeiro.

E assim, chimangos e margatos vão amarrando cavalos em coqueiros, até que um dia os barriga-verde acordarão num campo de concentração onde serão condenados a exprimir cana para glória da República Farroupilha.

LIÉGE COPSTEIN, diretamente da sucursal do 3x4 em Florianópolis.

Antes da reportagem confira a tabela

O trabalho de free-lancer é uma boa saída para jornalistas que não conseguem colocação no mercado de trabalho, para aqueles que querem ampliar seus rendimentos, ou mesmo quem quiser fazer um trabalho diferente do que está obrigado diariamente.

Entretanto, para não cair em armadilhas, é necessário que o profissional saiba quais são os seus direitos. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul tem informações bem detalhadas de como deve ser o processo nestes casos.

Do mesmo modo, para evitar atritos desnecessários, as empresas editoras ou quaisquer outras que utilizarem os serviços de um jornalista em regime de "free-lancer" deverão obedecer às conquistas dos trabalhadores.

O trabalho de repórter "free-lancer" é remunerado tendo como base o número de laudas-padrão, assim consideradas as 20 linhas por 60 toques. A taxa mínima é de Cr\$ 49.000, sendo que a partir da segunda lauda o profissional deve cobrar o valor de Cr\$ 32.000. Estes valores sofrem alterações nos casos em que a matéria exija a utilização de mais de uma fonte para entrevista. A partir de segunda fonte, haverá um acréscimo de 30% sobre a taxa mínima.

Nas viagens de um dia além dos valores já mencionados, o repórter deverá cobrar um acréscimo de 20%.

Nas viagens que incluem pernoite, a taxa passa para 30% por dia sobre o total de matéria. Além disso, o profissional terá pagas as despesas de alimentação, hospedagem e demais custos de produção.

ASSESSORES E EDITORES

O trabalho do assessor de imprensa é aquele que inclui a organização de eventos ou outras atividades em sua relação com a imprensa, prevendo a divulgação de notas prévias, preparação de material de apoio para os jornais, organização de coletivas, divulgação do conteúdo e deliberação de eventos.

A divulgação de eventos ocorre em dois momentos: o prévio, com divulgação de notas algum tempo antes, e a cobertura nos dias de eventos.

A taxa para estes casos é de Cr\$ 61.600 para cada dia de trabalho, res-

peitadas as cinco horas que a lei estabelece como jornada para a profissão de jornalista.

O trabalho do editor free-lancer difere um pouco dos anteriores. As tarefas do editor incluem a edição de "house-organs", jornais de entidades e outras publicações. A referência gráfica se dá com base num jornal tamanho tablóide. Uma publicação de até quatro páginas custa três salários mínimos; a cada quatro páginas a mais incidirá um acréscimo de 50% sobre a taxa mínima.

No caso do profissional acumular os vários serviços previstos anteriormente, deverá cobrar cada um separadamente.

Todos os valores são reajustados periodicamente. Os trabalhos de reportagem, por exemplo, são reajustados de acordo com a média de variação da ORTN, nos meses de janeiro e julho, enquanto que os de editor e de assessoria de imprensa são reajustados semestralmente com base em 100% do INPC, nos mesmos meses.

REPÓRTER FOTOGRAFICO

Os trabalhos de repórteres-fotográficos em regime de "free-lancer" foram reajustados com base no INPC de setembro deste ano. Os preços têm validade até o último dia de fevereiro. A partir do dia 1º de março de 1986, os reajustes também passarão a obedecer à base da ORTN semestral.

Atualmente, o trabalho do fotógrafo com seu equipamento (os gastos com filmes, cópias e outras despesas ficam por conta do contratante) custa em média Cr\$ 270.000. Saídas para fotos em preto e branco custam Cr\$ 164.000. Se o trabalho durar o dia inteiro, o custo será de Cr\$ 282.000.

Os trabalhos que não correspondem a estas especificações deverão ser precedidos de um orçamento.

O fotógrafo que pretende executar serviços de "free-lancer" deverá ter conhecimento de que a realização de um serviço para uma determinada matéria, em local específico, se dá no prazo máximo de três horas, computadas a partir do momento em que deixa a redação. Em caso da necessidade de mais de uma saída, para realização de uma mesma matéria, cada saída será cobrada como um serviço.

Luis Carpin



Nas horas de folga, o descanso junto ao mar

Formandos

A poucas semanas de receber o canudo, os formandos de Jornalismo Gráfico e Audiovisual avaliam o curso por que passaram, falam de seus planos para a profissão e da sensação de se formar frente a um mercado de trabalho restrito. Em contrapartida às críticas que fazem à Faculdade, a grande maioria dos alunos, mesmo antes da formatura, já trabalha na área do Jornalismo, mostrando que o curso ensinou alguma coisa, ou que o mercado não está tão difícil assim.

O curso de Jornalismo foi válido? "Todo o curso ensina alguma coisa, não é?" "Até com bobagens se aprende" ou "O curso serve para muito pouco" são algumas das respostas dos formados de 1985. Metade deles diz que o diploma é a recompensa principal de quatro anos de estudos. Outros lembram que o curso abriu uma perspectiva sobre o jornalismo, e isso, para eles, foi positivo. Mas a "tendência particular" para a profissão, citada por Ângelo Mendes, parece ter sido perdida por alguns durante a trajetória percorrida pelas disciplinas.

"A expectativa inicial que eu tinha em relação ao curso com o passar do tempo foi se transformando em conformismo. E agora, no final, tenho pressa de sair", relata Márcia de Wallau. Alvaro perdeu de inspiração: "A gente chega inspirado para fazer a faculdade e perde este espírito, no tradicional 'baque dos dois anos', as cadeiras teóricas, que, pelo currículo, excluem o ensino prático. E então a gente só fica a fim do diploma".

A FACULDADE NA PRÁTICA

"O curso deixou muito a desejar". Isso é o que mais se ouve quando os formandos avaliam os anos que passaram na Fabico. Muitos já estão trabalhando na profissão, e agora começam a utilizar os ensinamentos: "Só 30% do que se aprende a gente utiliza no dia-a-dia de um jornal", contabiliza Carla Zen. Ela trabalha na Zero Hora, na Editoria do Segundo Caderno. Carla acha que saberia trabalhar em rádio: "Aprendi tudo o que seria

necessário", afirma. Pode ser ilusão. Seu colega José Alberto, o Zê, que trabalha na Rádio Gaúcha há 3 meses, avalia o que aprendeu: "As cadeiras de rádio ensinam a trabalhar para umas rádios que não existem. Profissionalmente, a faculdade me ensinou o be-a-bá. Hoje chego na Rádio Gaúcha e vejo que é muito mais avançado". Só a prática vai mostrar se o curso preparou ou não. Mas Luis Carlos Carpin já adianta: "O curso está muito distanciado do mercado de trabalho".

Os formandos têm planos, sonhos, vontades. Querem tra-

balhar em várias áreas, que vão do tradicional trio rádio-TV-jornal até crítica literária, pesquisa ou artigos especializados. Mas será que o curso preparou para as funções que querem desempenhar? "Não", é a resposta categórica de todos, seguida de "o curso deu o básico", "fundamentos eu aprendi", "preparou com muitas deficiências", ou até "não tive nenhuma base".

CURRÍCULO DESATUALIZADO

Essas pessoas — que terão registros profissionais de jornalistas a partir de dezembro — dizem ter passado por um currículo desatualizado. Ressentem-se da falta de desenvolvimento de conteúdos tanto teóricos quanto práticos. Quase nenhuma das disciplinas que cursaram tinha o material adequado para o aprendizado. No entanto, Fátima Bortot e Liège Copstein precisaram abandonar as aulas no meio do semestre e, mesmo antes do canudo, porque conseguiram empregos de jornalistas no Paraná e em Santa Catarina. Cinco outros formandos exercem funções de jornalistas em veículos da RBS e mais oito trabalham já na área. Parece uma incongruência. Se essas pessoas já estão dentro de empresas de comunicação ou já são jornalistas na prática, é sinal de que aprenderam alguma coisa.

"As cadeiras de rádio ensinam a trabalhar para rádios que não existem"

"O curso não ensina ninguém a escrever. Se não souber, vai mal. Tem que chegar sabendo", garante Carpin. Ana Cláudia também diz isso. Mas confessa, logo adiante, que melhorou bastante sua redação depois de alguns "toques" do Caparelli. Os que tiveram aulas de TV na PUC foram privilegiados: admitem que deu para aprender alguma coisa. Os que esperaram pelo estúdio novo não gostaram: "Tivemos que aprender TV no

papel". Quanto à foto, sempre aparecem elogios ao Wallace. Todo mundo aprendeu fotografia, sem exceção. E mesmo num laboratório que definem como "depredado", "obsoleto" ou "limitado", tomaram contato com a prática. Ironicamente, nenhum dos formandos aponta a fotografia como uma área em que pretende trabalhar. Quanto às aulas de rádio, apesar das aulas práticas na Rádio da Universidade, os alunos dizem, na maioria, que só aprenderam a fazer o "script" de um programa.

DESESTÍMULO MÚTUO

Desinteresse, desatualização, displicência e falta de base são algumas das acusações que os formandos fazem a muitos professores. No entanto, quando perguntados qual foi a contribuição pessoal para a sua formação, mais da metade dos alunos confessa não ter lido nada sobre comunicação nos últimos quatro anos. O "baque dos dois anos", definido por Alvaro, ou o confronto com cadeiras puramente teóricas pode ser um dos desestimuladores do aluno. E o fator desestimulante do professor, conforme Geni — que por sinal é professora da UFRGS, mas da Administração —, é "a falta de um programa de atualização docente, de aprimoramento. E esse é um problema institucional, e não pessoal".

Airton resume tudo como a "falta de saco". Dele e, parece, do resto dos alunos e também dos professores. Ana Cláudia diz ter perdido tempo indo a aulas que se resumiam a "bate-papos sem ter nada a ver com a matéria", e no final do semestre, conforme ela, "o professor pedia um trabalhinho". Outros lembram que certos professores deram apenas três aulas num semestre inteiro.

Os formandos são unânimes ao afirmar que pouquíssimas vezes os programas das disciplinas foram apresentados. E, quando apresentados, dificilmente eram cumpridos. Célia diz que não conhece os programas das disciplinas. Passou por um curso sem saber se aprendeu o que era para ter aprendido. "Os programas deveriam ser discutidos no primeiro dia de aula", sugere Ania. Alguns formandos acon-



Fabico

selham o óbvio, que parece não ter ocorrido: que os professores comparem os programas das disciplinas com aquilo que dão em aula. "Cada um dá o que quer", diz Ana Cláudia, "com exceção de alguns poucos, realmente interessados".

NADA COM NADA

Os professores não exigem nada dos alunos, os alunos não exigem nada dos professores. E aí de quem exigir. Carla Zen conta que se um aluno exige alguma coisa do professor durante a aula, os colegas depois cobram: "Pô, qualé?", porque isso representa mais trabalho ou uma aula mais longa. "A displicência dos alunos desestimula os professores", conclui ela. Os professores parece que não puxam muito pelos alunos, também. Anália fala sobre isso: "Tentei participar das aulas, por mais que elas não exigissem a minha participação". "Não existe vida acadêmica", sentencia Carpin.

"Os professores são viciados, os alunos são viciados, o ambiente todo é viciado"

Mas que Faculdade é essa, que se propõe a formar jornalistas e ao final de quatro anos recebe tantas críticas? Para Alvaro, "o problema está na forma de transmitir as informações. Os professores são viciados, os alunos são viciados, o ambiente todo é viciado". Outra formanda acusa o "círculo vicioso de inatividade" existente na Faculdade como o culpado: "Mesmo os alunos e professores que querem desenvolver um trabalho sério e produtivo encontram um sistema paralisado, onde as aulas nem são dadas, muitas vezes, porque ninguém quer nada com

nada, e aí fica impossível trabalhar", analisa.

O marasmo em que caem as aulas dá aos alunos a impressão de que poderiam ter concluído o curso "em 6 meses, em vez de quatro anos", como diz Márcia. Célia tem a mesma impressão. Queria ter feito o curso em um semestre apenas. "Cada ano me acrescentou pouquíssima coisa", diz. E desabafa: "O que eu quero mais é me livrar de uma vez".

E BOM SE FORMAR?

Parecem frustrados os formandos? Nem tanto. A reclamação sai fácil. O elogio vem logo atrás. "Essa coisa de meter o pau na Faculdade é muito fácil. Falando sobre as aulas a gente começa a se lembrar do que aprendeu", pondera Carla Zen. Dagoberto afirma que o curso abriu perspectivas, e que conseguiu captar muitas coisas. Quando perguntada sobre a validade do curso, Geni Valenti garantiu que "foi muito bom". Mais adiante, lembra que o curso teve caráter complementar, já que sua área de trabalho é a Administração. "Depois de quatro anos, só posso dizer que valeu", conclui Anália Barth.

Muitos formandos dizem que o curso foi positivo por ter se discutido muitas coisas sobre o jornalismo. Mas são firmes ao afirmar que houve apenas uma "introdução ao tema", e que se sentem despreparados.

"Ninguém quer nada com nada, e aí fica impossível trabalhar"

"A prática cada um vai batalhar como pode depois de formado", prevê Ana Cláudia.



Fábico: um sistema paralisado

Ania já experimentou isso. Para ela, a experiência profissional foi importante — ela trabalha na Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS — para dar a base que o curso não deu. Quem já trabalha na área — 60% dos formandos — parece que vai ter mais facilidade de usar o diploma. Outros se apavoram ante a perspectiva de ingressar no duro mercado de trabalho. “Vou só engrossar a fila dos desempregados”, “nem vou festejar a formatura, porque neste dia já serei uma desempregada”, são algumas das queixas dos formandos.

Angelo Mendes diz que o curso só o preparou psicologicamente para o jornalismo. Tecnicamente, não. Outros não apresentam tanto preparo psicológico. Célia sente a proximidade da formatura como “desesperadora”. “Dá insegurança e medo”, revela, “pois não terei mais a desculpa de ser estudante. Acho que eu nem sei escrever ainda. É tão pouco o que se escreve na faculdade que eu não tenho segurança”. Carla define a sensação de se formar como “um vazio”. Sensação de se formar? “Alívio”, responderam oito dos 23 formandos.

A CONVIVÊNCIA VALEU

Outros se formam já com saudades. Não das aulas, mas do convívio que têm com colegas e professores. “Vou sentir saudades”, diz Carmen Lúcia Ferreira da Silva. O Zé, em certas épocas, ia à Faculdade mesmo sem ter aulas: “A turma foi o que eu mais aproveitei”. José Netto e Anália também acham que a convivência e a amizade foram pontos muito positivos. Mas a mistura de alunos de vários semestres em uma sala de aula foi um aspecto negativo para que se formasse uma turma. “No final do curso é que a nossa turma se uniu”, dizem Carmen e Ana Cláudia.

Outras pessoas ficaram mais distantes e seu contato se resumiu às atividades de aula. Mas Carla Zen considera a Fábico uma das faculdades da UFRGS menos unidas e acha que o contato com outras pessoas foi difícil. Célia não gostou: “Aqui existe uma falsa amizade, uma falsa intimidade”. E Márcia de Wallau garante ter concluído certas cadeiras sem saber o nome do professor. Todo o grupo considera a convivência com os professores mais restrita, se resumindo às horas de aula.

CONSELHOS DE QUEM SAI

Os formandos não sabem só “malhar”. Eles também apontam soluções, algumas já em fase de implantação. “Tem

que virar esse curso de cabeça para baixo”, sugere José Netto. Para ele, a solução está em incluir com a prática de jornal já no primeiro semestre, assim como rádio, tv, diagramação, foto. Assim o aluno se motivaria e “faria alguma coisa de útil durante todos os quatro anos, ganhando o máximo de prática”.

“Agora não terei mais a desculpa de ser estudante”

Alvaro sugere que as cadeiras teóricas sejam colocadas

junto com as cadeiras práticas. Tendo contato direto com a prática, desde o início, o aluno não perderia a “insiração” — que ele perdeu ao longo do curso.

Geni dá a idéia de se utilizar os “mais de 15 jornais que circulam na UFRGS” para os alunos fazerem estágio, já que este é proibido nas empresas.

“Isso melhoraria o nível de aprendizagem e daria um aproveitamento melhor para os próprios recursos da Universidade”. A gráfica e a editora, conforme ela, também deveriam ser mais bem aproveitadas para aprendizado dos alunos.

Quanto a equipamentos e horários das aulas, as propostas já são mais do que conhecidas: aulas em todos os turnos, para permitir o trabalho, e oferecimento de uma mesma cadeira em vários horários e não em turma única, como tem acontecido. Equipamentos compatíveis com a exigência do próprio conteúdo programático das disciplinas. “As aulas práticas com deficiência de material acabaram prejudicando a nossa formação profissional”, lamenta Ania. Fica, de todos esses depoimentos, a esperança dos formandos na faculdade que deixam agora: “Talvez com o novo currículo melhor”.

Marta Gleich

Grande maioria já atua na área

A falta de mercado de trabalho na área não impediu que os 22 formandos do segundo semestre de 1985 do curso de jornalismo da UFRGS cheguem ao final do curso com algum tipo de experiência profissional. É representativo o percentual de que 73% já estão trabalhando ou estagiando no seu futuro campo de atuação, antes mesmo de concluir a faculdade: três fazem estágio na UFRGS, dois na rádio e um na assessoria de imprensa, e 13 trabalham na área de jornalismo. Dos seis restantes, três não trabalham e três exercem outras funções.

O jornal e o rádio são os veículos preferidos pelos formandos — 36% e 22% respectivamente. Dois apontam a televisão como o setor em que pretendem trabalhar, outros dois preferem assessoria de imprensa e há também dois que não se definiram ainda. Três querem trabalhar em crítica literária ou de arte, pesquisa e artigos especializados em administração. Isso comprova que quase todos pretendem trabalhar com jornalismo mesmo sabendo que as oportunidades nesta área são poucas.

A RBS emprega cinco formandos atualmente: dois na editoria do segundo caderno, dois na revisão e um na Rádio Gaúcha. A RBS

é a única empresa de comunicação que contrata alunos do jornalismo. A UFRGS emprega um aluno na sua rádio e um na divulgação da pró-reitoria de extensão, além de possuir três estagiários: dois na rádio e um na assessoria de imprensa, abrindo, assim, oportunidades profissionais para seus acadêmicos dentro da própria universidade. Já que a lei não permite o estágio de jornalismo em veículos de comunicação, Jornais do Paraná e Santa Catarina já estão com dois alunos do último semestre da Fábico, mostrando que outros Estados, ou mesmo o interior, abrem espaço de emprego aos estudantes gaúchos. Além disso, outros formandos também trabalham em jornais de empresas, pesquisas, assessoria de imprensa ou são autônomos como é o caso de José Netto, que já fez diversas coisas, desde trabalhar com fotos, até ser repórter em diversos jornais do país. Atualmente é professor de tênis e trabalha com vídeo, fazendo um documentário independente sobre a Amazônia. Dos que atuam fora da área, um é bancário e dois são funcionários públicos.

Os alunos do último semestre de jornalismo têm na sua maioria de 20 a 25 anos — 82% — o que confirma a precocidade dos que ingressam na faculdade atualmente. Apenas quatro tem de 27 a 38 anos, são pessoas que traba-

ham há mais tempo e por isso concluem o curso mais tarde. O ano de ingresso no curso fica entre 80 e 82, mostrando que a maioria termina a faculdade no tempo normal. A única exceção é José Netto que iniciou em 75, trancou a matrícula em 78 e voltou a cursá-la em 83.

Nesse meio tempo esteve em São Paulo, fazendo a faculdade de Cinema na USP — que um dia pretende concluir — entre outras coisas.

Muitos formandos pretendem fazer um pós-graduação — para melhorar aquilo que não foi possível aprender durante o curso. E tem ainda os que querem seguir outras áreas, como o Dagoberto que quer se aperfeiçoar em Belas Artes, Teatro ou Filosofia, e Alvaro que espera cursar Economia na UFRGS.

Mas além de todos esses dados, os formandos de 85/2 já podem se considerar profissionais, pois, a essa altura só estão esperando receber o canudo. E a partir daí, cada um vai conquistar seu espaço, batalhar por seus ideais utilizando mesmo o pouco que aprenderam, dentro da universidade, para defender seu título de jornalista.

Ana Cláudia Casimiro

Através de questionários, os alunos poderão fazer uma avaliação das disciplinas que constam do novo currículo.

Comcar faz avaliação entre alunos

A Comissão de Carreira dos Cursos de Comunicação da Ufrgs, após implantar o novo currículo, iniciou um trabalho de avaliação dos resultados, através de uma pesquisa com os alunos. Como a execução de uma pesquisa pressupõe uma metodologia, a técnica de investigação inadequada e um questionário padrão utilizados impediram que os objetivos do trabalho fossem alcançados.

Segundo o professor Ricardo Schneiders da Silva, um dos responsáveis pela pesquisa, esta é uma iniciativa pioneira entre as demais comissões, embora seja uma de suas atribuições e elas funcionem há 15 anos.

Apesar disso, o fator tempo teve um peso bastante grande em decisões fundamentais referentes aos dados procurados e à forma de alcançá-los. A equipe optou pela utilização de um instrumento elaborado pelo

PADES — Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior —, instituído na Universidade e usado mais para avaliar o desempenho de docentes em geral.

O Pacote

O questionário do PADES é um rol de perguntas que inicia caracterizando uma disciplina, portanto, busca obter dados que já estão à disposição da COMCAR em seus próprios arquivos.

Serve para avaliar uma disciplina de cada vez e a resposta é registrada em uma grade em separado.

As demais perguntas não seguem uma ordem lógica, e as alternativas de respostas não permitem uma análise eficiente. São, em sua maioria, de caráter opinativo, o que provoca distorções face às características individuais dos elementos do grupo consultado.



Alunos avaliam as disciplinas

Assim, se um dos alunos estiver cursando, por exemplo, seis disciplinas deverá preencher um número igual de grades. Considerando desnecessárias as 10 primeiras perguntas, obtém-se deste aluno, 60 respostas inúteis.

As restantes dependerão, fundamentalmente, do conhecimento que o aluno deverá ter, não só do currículo do Curso, como do mercado de trabalho dos profissionais da categoria. Ricardo acredita que a maioria deles não possui esta visão suficientemente clara e coerente para avaliar.

Quando à técnica de coleta — entregar após o preenchimento —, mesmo que a equipe dos pesquisadores tenha feito cobrança dos alunos em aula e procurado distender o prazo de entrega, ela não aprovou; não havia a motivação suposta para garantir a resposta, embora os alunos consultados tivessem participado do "Projeto Primeiro Semestre".

A população era pequena (os 30 alunos que concluíram o 1º semestre) e poderia ser consultada de forma direta através de entrevistas. Somente 11 responderam e os questionários

foram tabulados, analisados e destinados ao uso interno da COMCAR.

Das seis disciplinas apreciadas, apenas uma era da comunicação e, como não existe uma maior integração com os professores de out os departamentos da Universidade que oferecem disciplinas a estes cursos, o novo currículo não poderia desta forma ser avaliado.

Por isso, para Ricardo a experiência valeu como uma espécie de teste.

A Sistematização

A partir do próximo semestre a avaliação passará a ser sistemática, e o questionário do PADES deverá ser aplicado a todos os alunos.

A COMCAR está se propondo a avaliar vários elementos: alunos, professores, programas e súmulas. Se esse propósito se aproximar gradativamente do sistema global, irá abranger o currículo em seu sentido mais amplo: o conjunto de elementos do processo de ensino/aprendizagem, que vai do potencial humano envolvido às condições físico-ambientais necessárias.

A elaboração de um instrumento de coleta adequado a objetivos próprios deveria integrar a pauta da reunião, cujo propósito principal é estimular um melhor preparo dos professores para 1986. Esse encontro está previsto para o dia três de dezembro próximo e dele participarão todos os professores que ministram aulas nos cursos de comunicação.

A avaliação e o planejamento são funções interdependentes. O tempo empregado na definição dos objetivos e na elaboração de um instrumento a eles concernente tem uma razão inversa ao que deverá ser dispendido na análise dos dados e na conseqüente divulgação das informações resultantes de um trabalho.

Como um instrumento de apoio ao processo de planejamento, a pesquisa requer a consciência de que situações novas são uma constante. Essa flexibilidade poderia se refletir na elaboração de um novo questionário de avaliação, constituído de uma planilha única com um menor número de variáveis (perguntas) o que, certamente, conduzirá ao êxito do empreendimento.

Geni Valenti



Ricardo S. da Silva

Estudantes discutem a nova direção do Dabico

às próprias contradições da chapa eleita a pouca receptividade que ela teve entre os estudantes. "A Participação é antidemocrática", acusa. Esta falta de democracia, havia bixos, e mesmo assim apenas da Comunicação. Não se pode pensar sequer um instante em um D. A. composto sem alunos da Biblioteconomia, pois isto seria uma discriminação injusta e absurda", complementa.

MEIA CHAPA

Suzana, no entanto, contesta este raciocínio e afirma que a culpa pela não presença da Biblio na chpa eleita é dos próprios alunos do curso, "que não atenderam os chamados feitos à discussão". Ela afirma que, no entender da nova diretoria do Dabico, os alunos da Biblio e da Comunicação possuem interesses tão diversos que precisam de diretórios exclusivos. Por isto, como um primeiro passo para o desmembramento da Dabico, a Participação

propôs que a diretoria se dividisse em duas, com cargos duplos, divididos entre os dois cursos. Entretanto, quando chegou a hora de compor a "diretoria de Biblio" começaram os problemas. "Chamamos várias reuniões abertas mas ninguém compareceu", queixa-se, "então a solução encontrada foi levar meia chapa às urnas. Agora a nova diretoria está chamando novas reuniões "para ver se a Biblioteconomia assume o seu papel, pois os alunos da Comunicação não podem fazer política por eles".

Lulz Domingues tem uma versão diferente destes fatos. Para ele a Participação, na verdade, nunca buscou a discussão. "Eles sentiram que havia um vácuo e nele inseriram uma chapa pouco representativa, mas extremamente manobrável, por um pequeno grupo de estudantes, que tenta voltar a partidizar o Dabico".

Ele também não aceita a explicação de que depois de elei-

ta, a nova chapa vai "abrir espaços para a Biblio ou quem mais quiser participar". Segundo ele, se existisse realmente disposição e competência para isto, tudo teria sido feito antes das eleições. Além disto, levanta sérias dúvidas sobre a legitimidade de uma "coordenação de Biblio" que viesse a ser escolhida em reuniões ou assembléias do curso. Para ele, ao contrário das urnas, estas reuniões podem ser facilmente manobradas, não só quanto ao quorum, mas também ao conteúdo das discussões.

Domingues também discorda da idéia de dividir o diretório, pelo simples motivo de que os dois cursos têm a mesma diretora e uma série de estruturas comuns. Dividir os estudantes seria extremamente prejudicial à condução de suas reivindicações, pois resultaria em perda do poder de pressão.

Gustavo Barreiro



João Otávio Ness

Dabico precisa de novas propostas

Foi realizada, nos dias 29 e 30 de outubro, a eleição para o Dabico. O fato marcante desta eleição foi a baixa participação dos estudantes, uma vez que apenas 224 alunos foram as urnas e destes, apenas 148 apoiaram a única chapa apresentada. Os demais preferiram anular o voto, ou votar em branco.

participação, a resposta está nas gestões anteriores do diretório.

Referindo-se à gestão 84/85, que, afinal foi a única que presenciou, Suzana acredita que "ela esvaziou o Dabico, se mantendo distante dos estudantes e não levando adiante as suas lutas". Por isto ela não chega a estranhar a pouca participação no processo político da Faculdade.

Para o ex-presidente do Dabico, Luiz Domingues, a resposta é diferente. Ele atribui

Mas ao que se deve esta distância entre os estudantes e a eleição? Para Suzana, caloura de Comunicação Social e eleita Coordenadora pela Chapa Par-

Jornalista luta pela aprovação do piso salarial

Senado estuda vencimentos do jornalista. No Estado diagramador quer definição

O projeto que estabelece o salário mínimo profissional para os jornalistas, escalonado de três a seis salários mínimos, foi aprovado pela Câmara dos Deputados e já tramita no Senado. Sob a oposição da classe patronal que não quer sua aprovação, os sindicatos de jornalistas lançaram uma campanha nacional na luta pela regulamentação de matéria.

"A história do salário profissional dos jornalistas tem no mínimo 20 anos, ou até mais; ela se mistura muito com as próprias lutas da categoria, principalmente pela regulamentação profissional", lembra o primeiro secretário do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do RS, José Roberto Garcez.

Na década de 60, os congressos nacionais de jornalistas estabeleceram uma proposta de seis salários mínimos como piso em todo o País, para a categoria. No projeto inicial de regulamentação da profissão estava incluído o salário profissional. Naquela época, 69, em que a junta militar administrativa o País, a regulamentação sofreu muitas pressões para não ser aprovada. Durante as negociações, o Governo determinou que, ou a regulamentação sairia sem estabelecer o salário ou não teria regulamentação. Naquela época, a federação e todos os sindicatos de jornalistas entenderam que a regulamentação era o mais importante. A profissão foi regulamentada pelo decreto-lei 972, de 1969, sem fixar o salário profissional.

Luta contínua

A luta pelos seis salários mínimos continuou sendo reafirmada em todos os congressos de jornalistas. Em 1979, o então deputado e presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Audálio Dantas, apresentou um projeto na Câmara Federal, estipulando seis salários mínimos como piso para todos os jornalistas brasileiros.

Durante seis anos, o projeto permaneceu sem votação por pressão dos patrões. Após a aprovação pelas Comissões de Constituição e Justiça e de Trabalho e Legislação Social, o projeto foi solicitado pela Comissão de Economia, Indústria e Comércio, que legalmente não tem de dar parecer sobre o assunto.

Aprovado em dois turnos, o projeto foi encaminhado ao Senado em 29 de outubro, necessitando agora passar pelas comissões para depois ser votado e sancionado pelo Presidente da República. Devido às eleições o projeto só entrará em pauta no próximo ano.

Substitutivo

O projeto inicial previa seis salários mínimos para todo o País. O substitutivo do deputado Francisco

Amaral, de São Paulo, que foi aprovado pela Câmara, estabelece um escalonamento de três a seis salários mínimos.

Os patrões, em parte responsáveis pelo escalonamento, argumentam com a fragilidade econômica dos jornais do interior. Os seis mínimos ficaram mantidos nas capitais com mais de 900 mil habitantes. Para as capitais e cidades com população entre 250 mil e 900 mil habitantes, o piso caiu para cinco. Para cidades com entre 100 e 250 mil habitantes ficou com quatro. Abaixo de 100 mil habitantes ficou com o menor piso, de três salários.

Conforme Garcez, o piso reivindicado é o mínimo para o jornalista realizar seu trabalho, que necessita de uma série de requisitos: precisa ler, informar-se, adquirir livros. A realidade da categoria mostra que grande parte dela precisa trabalhar em dois ou mais empregos para ter um nível de vida de acordo com a sua aspiração e sua especialização.

Piso salarial

No Rio Grande do Sul, o piso profissional conseguido através de negociação direta com o sindicato patronal é de um milhão e 400 mil cruzeiros para a capital e de 850 mil para o interior.

Para Garcez, a categoria está extremamente aviltada na sua remuneração em função do controle que as empresas estabelecem em Porto Alegre e pelo virtual monopólio. "Há uma grande empresa ditando as regras e assim fica muito difícil".

A campanha de mobilização sindical defende a aprovação do projeto atual no Senado e a imediata apresentação de outro tornando o salário profissional único em todo o País, pois uma emenda ao projeto que está no Senado anularia e aprovação da Câmara e todo o processo de discussão nas comissões teria de recomeçar.

Para o Sindicato, os patrões não querem piso, regulamentação profissional nem faculdade: não querem nada que signifique organização da categoria nem que signifique redução de lucros.

"A RBS diz que não pode pagar seis salários mínimos para seus profissionais", afirma Garcez. "No entanto, está construindo prédios, adquirindo equipamentos, instalando jornais e repetidoras em todo o Estado e fora também. Os donos da RBS dizem que o seu principal fator de crescimento é o material humano. Na verdade, o que se vê é que eles não deixam de comprar máquinas nunca. A gente vê na televisão, a RBS dizendo que cresceu por seu potencial humano, mas não é o que se vê na prática, no contra-cheque no final do mês".



Profissionais da imprensa aguardam conquistas da categoria

Fernando Ernesto Corrêa, diretor-superintendente da RBS, afirma que a Associação Nacional dos Jornais (ANJ), da qual é diretor, luta para que seja revisto o projeto. No seu entender a Federação dos Jornalistas tenta impor níveis de salário que podem ser absorvidos nas grandes cidades como Rio e São Paulo, mas que são inaplicáveis na maior parte do território nacional.

Fernando Corrêa considera que o trabalho do jornalista deve ser valorizado ao máximo. Entretanto, alerta que "não se pode perder a visão de mercado: o ideal pode representar uma redução substancial no mercado de trabalho".

A luta da ANJ, diz Corrêa, é por "uma solução razoável, defendendo toda uma categoria, principalmente pequenos jornais e pequenas emissoras de rádio das grandes e pequenas cidades". A ANJ propõe um piso menor, que não ultrapasse os quatro ou até cinco salários mínimos.

O diretor lembra que a RBS foi a primeira a dar 100% de INPC na revisão do dissídio dos jornalistas. Para ele, "não há necessidade de um piso salarial elevado para uma categoria que tem que se impor pela sua competência, pelo seu trabalho e não por lei".

Campanha nacional

A Conferência Nacional de Jornalistas reunida em fins de setembro, no Rio de Janeiro, decidiu tornar nacional a campanha pela aprovação no Senado do projeto do deputado Francisco Amaral e redigiu uma resposta à nota que as entidades patronais — Associação Nacional de Jornais, Associação Brasileira de Jornais do Interior e Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão — publicaram nos jornais alegando não ter condições de cumprir com alei dos seis salários mínimos a nível nacional.

A campanha decidida pela Conferência Nacional de Jornalistas consiste na pressão direta junto aos senadores de cada estado feita pelos associados dos sindicatos estaduais. E, na própria Conferência, foi iniciado um abaixo-assinado que está percorrendo o País, para, depois, ser entregue ao Senado. Junto acontece uma campanha de telegramas, cartas e telex enviados pelos 25 mil jornalistas do País, solicitando a aprovação aos senadores.

Carmem Ferreira

Projeto define área de atuação do diagramador

A aprovação do projeto que cria o cargo de Jornalista-Diagramador nas repartições públicas e autarquias "é um grande passo para que os profissionais tenham seu espaço e seu trabalho valorizados", declara Eraldo Bueno, diagramador da Zero Hora e há 20 anos desempenhando essa função.

O projeto, de autoria do deputado Ruy Carlos Ostermann, foi aprovado pela Assembléia Legislativa no dia 16 de outubro e define que o cargo deve ser exercido por profissional registrado no Ministério do Trabalho como diagramador, ou por bacharel em Comunicação Social, habilitado em Jornalismo Gráfico.

Além da ampliação do mercado de trabalho, o exercício da atividade por profissionais da área melhorará a qualidade dos impressos, no que diz respeito à estética, já que atualmente a maioria das publicações do Estado apresentam um aspecto gráfico não satisfatório.

O Clube dos Diagramadores do RGS fez um levantamento de todos os impressos das secretarias de imprensa de órgãos estaduais, encaminhados à CORAG, e foi constatado que a maioria apresentou um aspecto gráfico de baixa qualidade, o que acarreta também um grande desperdício de papel.

"Análise trabalhos de 48 páginas que poderiam ter sido feitos com 40, com menor gasto em material como composição, papel, fotolito, maior qualidade no produto final e melhor apresentação, se fossem feitos por um profissional da área", acredita Eraldo.

ESPAÇO DE ATUAÇÃO

Atualmente, o trabalho de diagramador é feito por qualquer pessoa dentro de uma assessoria de imprensa, onde não consta nem o nome do responsável pelo planejamento gráfico. "O objetivo do projeto é definir a função do diagramador dentro de uma assessoria. Um responsável pela parte técnica e visual."

Para o Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no RGS, Remi Baldasso, o projeto do deputado Ostermann visa mudar a atual legislação, que não exige profissionais habilitados para o exercício da função. "Os diagramadores só têm espaço definido dentro das empresas jornalísticas, que por uma questão de competição de mercado, têm uma preocupação maior com o aspecto gráfico. Em outros casos, a diagramação não é vista como prioridade".

O projeto é claro: fazer com que a atividade seja exercida por um Jornalista-Diagramador e não por um funcionário de outra área, dentro dos órgãos estatais.

No dia 19 de novembro reuniram-se com o governador Jair Soares, o presidente do Clube dos Diagramadores, Anibal Bendati, o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Remi Baldasso e o presidente da Associação Riograndense de Imprensa, Alberto André, para expor a importância da aprovação do projeto pelo governo.

O governador prometeu estudar o assunto, que provavelmente só terá uma solução no ano que vem. Mas segundo Anibal Bendati, "os primeiros passos já foram dados".

Carl Rodrigues

A fotografia surgiu como sendo cópia fiel da realidade. Um século e meio depois ela é considerada o mais influente sistema figurativo do nosso tempo e seu realismo colocado em dúvida. Nesta reportagem o professor Wallace Lehnemann, da Fabico, discute esse realismo e sentencia:

“O repórter fotográfico é quem faz o jornalismo autêntico”

Muitas têm sido as aproximações teóricas à fotografia: estética, sociológica, histórica, semiológica, tantas, enfim, quantas são as áreas que tem solicitado o auxílio da fotografia e até exigido especializações: fotomicrografia, aerofotogrametria e o escambau, além das fotos 3x4 e da reportagem fotográfica.

Quase todas as diferentes formas de fotografia partem do pressuposto de que ela é uma imagem do real. Não levam em consideração o agente enunciativo: o fotógrafo e a câmera. Desconsideram a refração imprimida pelo aparato técnico e o peso relativo à enunciação. Por isso, ao apresentar a fotografia como reflexo bruto da realidade, têm uma postura ideológica, omitindo o papel subjetivo das ob-



Wallace: “A fotografia...”

jetivas fotográficas: representar o olho do sujeito da representação.

Para Wallace a fotografia é um caminho em busca do real. E, mesmo aceitando a refração “condicionada pelo momento histórico” na ótica do sujeito da representação, aponta para os avanços tecnológicos que tendem a diminuir a influência do agente enunciativo: foco infravermelho, cronofotografia, controle remoto.

Wallace diz que “a fotografia fixa o momento, é um corte no tempo” e que a grande tarefa do fotógrafo é alcançar “tudo o que ela pode representar, que é aquilo que ela vai deixar”, o que ele chama de patrimônio histórico.

EMANAÇÃO LUMINOSA

Terminada uma série infundável

José Netto



FOTOGRAFIA DE CLASSE

A Ilusão especular — Introdução à fotografia. Arlindo Machado, Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Vãos, 1984.

Dentre os sistemas figurativos do nosso tempo a fotografia tem se revelado o mais influente: sua “realidade” intrínseca, como reflexo da realidade objetiva, faz com que o signo se confunda com o significado surgindo a mística da “verdade”, habilmente manipulada pela ideologia dominante.

Desmistificar esta “verdade” é a tarefa que Arlindo consegue alcançar com profundidade e precisão.

Demonstrando que a ideologia dominante se faz passar por ideologia de toda a sociedade, que esta ideologia “é vista como expressão do mundo das idéias e não como expressão de relações sociais concretizadas em instituições e práticas materiais”, entra nos liames da realidade material da ideologia que são os signos, entidades elementares que constituem todos os sistemas de representação. Resgatando as teses do Círculo de Bakhtin — contemporâneo de Saussure, mas contrastando com as dicotomias abstratas deste — Arlindo mostra que “se subtraído às tensões da luta social, o signo deixa de ser o meio vivo por onde passam as trocas simbólicas da sociedade, para degenerar em alegoria e tornar-se objeto de estudo dos filólogos”.

O signo remete para algo fora dele, refletindo e refratando a realidade visada pela representação. Enquanto os signos verbais podem ser exteriorizados por qualquer indivíduo que tenha pulmões e cordas vocais, a produção dos demais sistemas de signos pressupõe a propriedade privada dos meios de produção dando ao indivíduo comum a incômoda situação de espectador de ideologias alheias. Nessa situação, a fotografia é usada como reflexo da realidade, como expressão da verdade. Mas onde fica a refração referida acima?

“As câmeras são aparelhos que constroem suas próprias configurações simbólicas, figuras autônomas que mais significam alguma coisa que as reproduzem (...) uma vez que a imagem processada tecnicamente se impõe como entidade “objetiva” e “transparente”, ela parece dispensar o receptor do esforço da decodificação”. Mas, como diz Arlindo, “a realidade não é essa coisa que nos é dada pronta e predestinada, impressa de forma imutável nos objetos do mundo: é uma verdade que advém e como tal precisa ser intuída, analisada e produzida. Nós seríamos incapazes de registrar uma realidade se não pudessemos ao mesmo tempo criá-la, destruí-la, deformá-la, modificá-la: a ação humana é ativa e por isso as nossas representações tomam a forma ao mesmo tempo de reflexo e refração”.

de explicações e dicas para os alunos que vão fazer uma cobertura esportiva, Wallace afirma que no jornalismo o repórter fotográfico tem uma função insubstituível, pois “enquanto o repórter faz anotações, observa detalhes, colhe impressões pessoais, para depois descrever o fato, o repórter fotográfico é obrigado a receber a emanção luminosa na hora certa. Por isso o repórter fotográfico faz um jornalismo autêntico”.

É precisamente desta contradição desde o realismo dessas emanações luminosas e o reflexo/refração que chega aos olhos do espectador, que se alimenta o atual debate. Nas palavras de Arlindo Machado (veja matéria nesta página): “as coisas não são como elas se mostram ao olhar desprevenido; para compreendê-las é preciso fazer um desvio, dar um salto por trás da miragem do visível, destruir a aparência familiar, natural e reificada com que elas aparecem aos nossos olhos, como se fossem originárias em si mesmas e independentes do sujeito que as opera e modifica. (...) A fotografia, portanto, não pode ser o registro puro e simples de uma imanência do objeto: como produto humano, ela cria também com esses dados luminosos uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela. É a intervenção de um aparelho produtor de ideologia.

José Netto



...fixa um momento.

Balanço dos fotógrafos do Três por Quatro

O TRABALHO nas quatro edições do Três por Quatro deste semestre nem sempre foi tarefa fácil, mas o resultado foi compensador. O estímulo fica por conta de se poder conferir uma imagem produzida por nós mesmos, fechando com um texto e tornando uma página mais verossímil e artística.

Houve, no entanto, alguns tropeços. As vezes parecia difícil sincronizar as atividades gráficas e as visuais, ou porque as pautas eram entregues com pouca anteci-

dência para os fotógrafos, ou porque havia atritos entre a demanda e a disponibilidade de tempo do laboratório fotográfico, ou mesmo nos casos em que os créditos dos trabalhos não estavam sempre corretos.

Contudo, a agilização na estrutura de um trabalho que nos semestres anteriores era entravado — como a maioria das coisas que se faz em nossa universidade — torna o desencontros compreensíveis. O fato de nem sempre as equipes da redação e da fotografia terem

avancado juntas na confecção do jornal foi desculpável dessa forma pela inexperiência com o novo ritmo de atividade. Para as próximas edições, fica a expectativa de que todos possamos melhorar com maior integração das duas áreas. O jornal ganhará com o dinamismo, e a imagem e o texto poderão coexistir de maneira mais harmônica

(Ana Luíza Freitas)

FINAL DE SEMESTRE. Final de atividades. Com isso posso re-

ver o que foi feito em termos de fotografias para o Três por Quatro.

Foram quatro edições neste semestre, onde pude ver uma evolução muito boa, tanto na sua apresentação quanto no aproveitamento das fotos. Claro, houve problemas, mas pequenos e de fácil solução. Como os plantões de fechamento do jornal. Penso que deveria haver uma pessoa com dedicação exclusiva, que pudesse estar sempre a disposição do jornal. Nem sempre os monitores e o Wal-

lace podem deixar de atender os alunos de foto, que são prioridade da disciplina, para ficar a disposição do Três por Quatro.

Lembro que no começo do semestre houve uma certa dificuldade de comunicação, que foi sendo resolvida com o passar do tempo. Espero que no começo do próximo semestre não sejam cometidos os mesmos erros do semestre anterior e que se possa evoluir para um jornal melhor e mais completo.

(João Otávio Ness)

Em discussão, o fim da Fabico

*Com o desmembramento
da unidade surgiram
duas novas faculdades
independentes*

Desde 1970 os cursos de Biblioteconomia e Comunicação estão vinculados, formando uma Faculdade única. Funcionando no mesmo prédio, os dois nada têm em comum, e com a reestruturação da Comunicação surgiram discussões da validade desta vinculação. Ainda não existe nenhum projeto sobre o assunto, mas professores e coordenadores da FABICO cogitam discutir esta questão.

"O desdobramento do Curso de Comunicação Social em três habilitações distintas faz repensar a vinculação com a Biblioteconomia, pesando os prós e contras", comenta a professora Maria Helena Weber, da Comissão de Carreira da Comunicação. Ela pensa que pela primeira vez acontece uma mudança radical dentro desta Faculdade desde que os dois cursos foram unidos, e por consequência surge a questão da separação.



Maria Helena: "Vinculação deve ser repensada".

Funcionários paralisados

Quem chegasse à Fabico no dia 26 de novembro poderia julgar que a Faculdade tinha encerrado mais cedo suas atividades do segundo semestre de 1985. Secretaria, biblioteca e demais órgãos administrativos fechados davam o clima de final de período letivo.

Na verdade, o que ocorreu é que neste dia foi deflagrado, a nível nacional, o dia de paralisação do funcionário público federal. E os funcionários da UFRGS, solidários à posição nacional, engrossaram a fileira dos insatisfeitos com a atual situação profissional em que se encontram. Segundo Anajara Closs, da Fabico, o descaso do Governo em relação às

Vera Ferreira, chefe do Departamento de Comunicação Social, diz que ainda não refletiu sobre o assunto, mas sua decisão será sempre em favor dos alunos. "Eu não saberia dizer se esta separação traria benefícios aos cursos, pois até hoje não me causou problema nenhum esta vinculação", afirma Vera.

Uma sugestão apresentada por Maria Helena Weber é a reunião destas questões num projeto elaborado pelas Comissões de Carreira de ambos os cursos com a participação de alunos e professores, "repensando os aspectos políticos, dotação orçamentária e espaço físico que envolvem esta vinculação", acrescenta.

Vera Ferreira diz ainda que "uma vantagem desta vinculação é a Biblioteca da Faculdade, bem organizada e atendida porque o Curso de Biblioteconomia funciona no mesmo prédio que a Comunicação". Mas "o assunto que mais preocupa no momento é a implantação do novo currículo, tanto a nível de professores como de alunos. Como os departamentos são separados, penso que não ocorre desgaste nenhum para os cursos envolvidos", finaliza Vera.

Maria Helena Weber explica como é decidida a vinculação ou separação dos cursos: "Primeiro isso deve ser aprovado pelo Departamento e pela Comissão de Carreira, que irão propor a mudança através de projeto. A partir disto, a matéria passa a ser discutida pelos órgãos coligados — Departamento da FABICO, Conselho Universitário, COCEP e III Câmara de Filosofia e Ciências".

Carla Zen

reivindicações dos funcionários tem sido muito grande e a única solução que encontram é se unir para pressionar e exigir atitudes mais favoráveis para com a classe.

A paralisação que, inicialmente, pretendia ser apenas um alerta para o Governo, pode prosseguir, se assim entenderem os funcionários, que no mesmo dia 26 de novembro, reúnem-se em assembléia para definir os rumos do movimento. Segundo Anajara, o reitor da UFRGS, Francisco Ferraz, se colocou numa posição de imparcialidade frente aos acontecimentos, garantindo que não haverá represálias contra os funcionários.

Angelo Mendes

Wallace Lehnemann



Seminário

Os alunos da Fabico promoveram, em outubro passado, o 4º Seminário Interno de Comunicação Social, que teve o apoio da COMCAR e do Departamento. Painéis específicos abordaram aspectos das várias habilitações e o resultado do evento foi a criação de um "grupo de mobilização", cujo propósito é auxiliar na implantação plena do novo currículo.

Intercâmbio de livros consegue bibliografia para todas as áreas

O serviço de intercâmbio de livros da Fabico oferece aos leitores a possibilidade de acesso a material bibliográfico que não faça parte da biblioteca da sua área de especialização. O intercâmbio pode se dar de duas maneiras: o empréstimo interbibliotecário e a comutação bibliográfica.

Segundo Iara Concelção Neves, bibliotecária da Fabico, o empréstimo interbibliotecário consiste na possibilidade do uso do material fora da biblioteca, através de solicitação de um órgão para outro da rede de bibliotecas do Rio Grande do Sul que faça parte do sistema de cooperação e que alimente o catálogo coletivo regional de livros e catálogo coletivo nacional de periódicos. O órgão coordenador no RS é a Biblioteca Central da Ufrgs.

Para ter acesso aos livros, busca-se a informação no catálogo coletivo regional de livros que reúne as fichas dos livros existentes nas bibliotecas do sistema da Universidade e nas bibliotecas públicas especializadas, incluindo também as universitárias de Porto Alegre e do interior do Estado.

O serviço é feito sem ônus e o órgão que atende o pedido estipula o prazo da devolução. O solicitante faz o pedido para a bibliotecária que toma todas as providências e se responsabiliza pelo material perante a biblioteca que empresta.

Comutação Bibliográfica

A comutação bibliográfica se constitui na obtenção de cópias de artigos de revistas ou partes de livros junto a outras bibliotecas, a partir da solicitação do usuário, que as compra, tornando-se seu proprietário.

Para atendimento desse serviço é utilizada a rede de bibliotecas nacionais e também os serviços bibliotecários no exterior, através da compra de microformas ou cópias xerocadas, pagas em moeda estrangeira.

A Biblioteca Central, órgão coordenador regional, encaminha os pedidos para as que possuem o material; no caso do exterior, encaminha os pedidos para a British Library, em Londres.

Carmen Ferreira

A melhor safra da Fabico

LISTA DOS FORMANDOS

* Jornalismo Gráfico e Audiovisual

Airton Seligmann
Álvaro Augusto de Freitas Almeida
Ana Cláudia Fossi Casimiro
Anália Maria Alves Barth
Angelo Luiz Poletto Mendes
Ânia Chala
Cari Regina L. Rodrigues
Carla Maria Zen
Carmen Lúcia Ferreira da Silva
Célia Regina Canani
Cláudia Turela
Dagoberto José Bordin
Fátima Mirian Bortot
Geni Dorneles Valenti
Gustavo Krieger Barreiro
José Alberto Santos de Andrade
José Antônio Sousa P. Netto
Karla Camargo da Silva
Liège Schilling Copstein
Luis Carlos Carpim
Marcia de Wallau
Marta Gleich
Neusa M. Ribeiro

★ Relações Públicas, Publicidade e Propaganda

Erika Regina Garcia Lotterman
Isabel Rodrigues da Silva
Mara Núbia Campani Friedrich
Maria Matilde Machado
Max Rosemberg Lacher
Sandra Maria Gasparotto
Sérgio Andrade Wolff
Vera Regina Corrêa P. da Silva

“Enfim, a Faculdade colheu a melhor safra de profissionais de todos os tempos”. Esta parece ter sido a frase que mais circulou na última reunião da Comissão de Carreira do Curso de Comunicação. A autoria da mesma ainda é desconhecida, porém, alguns dizem que ela foi proclamada em uníssono, no final da histórica reunião, pelos professores. Outros afirmam que foram os próprios alunos formandos (o que está quase que totalmente fora de cogitação) que assim se autodenominaram.

Dúvidas à parte, de acordo com vários comentaristas especializados em Comunicação Social, esta super-safra é realmente histórica e é colhida de 76 em 76 anos, sugerindo uma estreita ligação com o Cometa de Halley.

Soube-se, desta vez de fontes oficiais, que há filas de empresários na porta da Faculdade ansiosos para contratarem alguns dos frutos (Atenção! são frutos) desta magnífica seara.

Se você, empresário amigo, quiser adquirir algum, ou todos estes brilhantes profissionais listados, preencha o cupom que segue.



Sim,
quero receber

1 profissional 3 profissionais 5 profissionais todos os profissionais

Minha área de interesse é:

Jornalismo Relações Públicas Publicidade e Propaganda

Minha forma de pagamento:

1 pagamento de US\$ 14.400 3 parcelas de US\$ 5.250

Autorizo o débito de US\$ 14.400 em meu cartão de crédito:

CREDICARD VISA NACIONAL AMERICAN EXPRESS

Nº do cartão:

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Estado:

CEP:

CIC/CGC:

Telefone: 03 DEZ 1985

Data

Assinatura:

**NÃO MANDE
DINHEIRO
AGORA**

Remeta este cupom
devidamente
preenchido
para a Fabico,
Rua Jacinto Gomes 540,
Porto Alegre, RS
CEP 90000
e aproveite esta
oportunidade única.

A entrega oficial destas preciosidades à sociedade será feita no próximo dia 20 de dezembro às 20 horas no auditório da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A solenidade é aberta para o público em geral, que assim terá oportunidade de ver, talvez pela última vez reunidos aqueles que se não são os melhores, pelo menos são os mais convencidos formandos que a Fabico já teve.

Aproveite, leve toda a família para conhecer estes astros, depois, é só pegar a Free-Way e ir para a praia curtir o fim de semana.

OBS: Na ocasião haverá até entrega de diploma.